

Seminário de Filosofia. São Paulo, 26 de agosto de 2006¹

Introdução à Paralaxe Cognitiva

OLAVO DE CARVALHO

Vamos continuar com o tema da outra aula. Eu não sei quantos de vocês estiveram presentes nas duas aulas anteriores ou pelo menos na última; quem não esteve presente realmente terá alguma dificuldade de se posicionar na aula de hoje. O tema, sobre o qual já foi explicado desde a primeira aula desta série, continua sendo o das origens e desenvolvimentos do fenômeno que chamei de paralaxe cognitiva, que é o deslocamento entre o eixo da experiência real e o eixo da construção teórica na obra de um pensador ou cientista. Este fenômeno não é observado na Antiguidade e na Idade Média, é um fenômeno característico da chamada modernidade, e logo no início do processo da modernidade nós já o observamos, por exemplo, na obra de Maquiavel. O fenômeno às vezes tem um aspecto um pouco caricatural porque ele produz evidentemente alguns absurdos na construção teórica que na hora não parecem como tais mas que examinados a uma certa distância se tornam verdadeiramente ridículos. Um dos exemplos que até citei num dos meus artigos é o caso de Kant dizer que nós só conhecemos as aparências fenomênicas e não as coisas em si mesmas, mas ao mesmo tempo ele escreve livros pretendendo que nós, lendo o sinal sensível das páginas, apreendamos a essência do seu pensamento, isto é, é muito mais fácil você apreender pela aparência sensível a substância de um ente do que pelo mesmo sinal sensível apreender a essência de um pensamento. Isso quer dizer que se a teoria de Kant está certa, ela não poderia ser escrita ou pelo menos não na esperança de ser compreendida, e se foi escrita quer dizer que está errada; é evidentemente uma situação cômica, um vexame filosófico fora do comum, e acho mais vexaminoso ainda que tantas gerações de estudiosos tenham passado pela filosofia de Kant sem perceber essa contradição monstruosa. Note que a contradição não está no conteúdo explícito da filosofia e sim entre o conteúdo e o fato de ela ser escrita, acontece que o fato de ela ser escrita não faz parte dela mesma, pois o fato de ela ser escrita é um dado externo porém sem o qual você não poderia chegar ao conhecimento dessa filosofia, é uma condição de possibilidade para a sua existência. Então, por que não perceberam esse vexame? Porque enfocam a obra filosófica tão somente em si mesma e não na condição de possibilidade da sua existência, ou seja, não no cenário externo que a torna possível; é como se você, assistindo a uma peça, tivesse de analisá-la somente a partir dos dados que estão nela, sem levar em conta que ali existe um teatro, uma platéia, um porteiro porque eles não fazem parte do enredo da peça. Ora, você só pode focar assim uma obra de ficção, não uma filosofia – a ficção (romance, conto, peça teatral ou filme) exige aquilo que Samuel Taylor Coleridge chamava de “suspension of disbelief” - suspensão da descrença -, isto é, você entra numa atmosfera ficcional para poder acompanhar a história como se ela estivesse acontecendo, e a obra de ficção neste caso é como se fosse um sonho acordado dirigido. No sonho, se você perceber que é um sonho, perceber o lugar onde você está deitado e sonhando e perceber também qual é a circunstância externa do sonho, quer dizer que você acordou e não está mais sonhando, ou seja, você só participa do sonho quando você faz a abstração do ambiente físico e humano em torno, e você penetra neste outro ambiente – neste microcosmo da ficção por assim dizer - , o que significa que ler uma obra de ficção é abstrair-se do mundo externo e penetrar num outro enredo que é autosuficiente em si mesmo (faz sentido em si mesmo e do qual você pode participar como se participa efetivamente de um sonho). Se esta contradição básica e flagrante entre o conteúdo da obra/filosofia de Kant e o fato de ela ter sido realmente escrita e publicada em livros não foi percebido por ninguém significa que leram Kant como se fossem sonhos, ou seja, entram dentro da atmosfera da filosofia de Kant fazendo abstração não só da vida real de Kant mas da sua própria vida real, porque é claro que o indivíduo que lê o livro *A Crítica da Razão Pura* sem perceber essa

¹ Transcrição por Leilah Carvalho - Sem revisão do professor

contradição está caindo no mesmo engano que Kant caiu ao escrever o livro - ele escreve sentenças que se fossem verdadeiras não poderiam ser escritas, e na hora em que você as lê e não percebe que isso está acontecendo, você está aceitando afirmações que se fossem verdadeiras você não as estaria lendo, então aí existe uma contradição não interna - contradição interna é uma coisa primária e um filósofo treinado não comete isso – mas essa contradição externa entre o conteúdo afirmado e a situação de discurso aparece sistematicamente na filosofia moderna e quase todos os filósofos modernos caem nela em algum momento; em geral não o fazem em afirmações secundárias da sua filosofia mas justamente nas teses centrais, o que significa que essas filosofias são totalmente invalidadas, valem apenas como sonhos, literariamente como pautas de experiências psíquicas possíveis, como se fossem pautas de um sonho acordado dirigido. É claro que a experiência desse sonho sempre tem algum valor e nos ensina alguma coisa mas como teorias que pretendem ter algo a ver com a realidade, acabam não valendo absolutamente nada, então, a existência da paralaxe cognitiva é uma espécie de vexame histórico que atravessa três ou quatro séculos envolvendo nesta piada vexaminosa gerações e gerações de estudiosos. A paralaxe começa a aparecer de pouco em pouco em autores individuais, aparece um pouco em Maquiavel, um pouco em outro, em outro, etc., mas com o tempo à medida em que essas doutrinas infectadas desse problema começam a se espalhar, de certo modo a camada letrada inteira é que é infectada por isso e a paralaxe se torna um elemento estrutural primeiro da cultura moderna e segundo da vida social moderna – toda ela é infectada disto hoje. A paralaxe em certo aspecto tem algo a ver com o “paradoxo do mentiroso”, isto é, se o sujeito diz que é mentiroso, ele está mentindo neste momento ou ele sempre mentiu e deixou de mentir precisamente neste momento? Quando o sujeito diz que é mentiroso, você vê que a frase em si mesma não contém contradição, só contém contradição em relação a situação de discurso, em relação à pessoa que está falando e à circunstância em que aquilo está sendo falado, e a paralaxe é mais ou menos a mesma coisa; teorias, afirmações e sentenças que em si mesmas não têm nada de contraditório/absurdo mas que revelam a sua absurdidade tão logo com a situação de discurso. Tão logo eu descobri que isso acontecia, - creio que descobri precisamente lendo Maquiavel, que foi um dos primeiros autores no qual o fenômeno aparece -, achei que deveria fazer um estudo mais aprofundado da evolução e ampliação deste fenômeno. Essa é uma história onde uma pequena semente de um pequeno engano vai aumentando tanto que à medida em que você se afasta em linha reta, uma abertura pequena se torna um rombo imenso no final, de modo que a paralaxe cognitiva pode ser considerada a mãe, a origem de certos fenômenos de alto engano coletivo que se tornaram muito frequentes no século vinte. Vocês que estão no Brasil acompanham este fenômeno por um lado aterrador, por outro lado não deixa de ser cômico que uma nação inteira ignore o fator ou as causas mais patentes daquilo que está acontecendo. A ocultação da existência do Foro de São Paulo, que é o órgão central da estratégia pró-comunista no ocidente, então é evidente que dali saem todas as diretrizes para tudo o que está acontecendo na América Latina, especialmente no Brasil; se todo mundo decide ocultar a existência do Foro de São Paulo fica como se fosse um decreto de que é proibido entender e saber o que está acontecendo. Você pode saber partes, mas é impossível apreender a noção de conjunto, isto é, este é um fenômeno de engano coletivo psicótico porque de fato ninguém proibiu que a mídia falasse do Foro de São Paulo, é uma espécie de decisão voluntária, simplesmente decidiram não falar disso. Se fossem somente membros e colaboradores envolvidos na entidade que decidissem ocultá-la de propósito seria uma coisa, é claro que há alguns colaboradores, mas muitas das pessoas que estão ocultando este fenômeno não têm nada a ver com ele mas o fazem por uma espécie de imitação; se o vizinho não falou os outros acabam não falando também, todo mundo fica envergonhado de ser o primeiro a falar e no fim existe um acordo tácito de que ninguém fala daquilo, é uma espécie de campeonato da vaca amarela, então, se você não pode falar do assunto principal, tudo o mais que você fala é besteira evidentemente. Não deixa de ser interessante que esse paroxismo, esse máximo de alto engano tenha acontecido justamente no Brasil, que é um país periférico e desimportante, mas que é o país onde o estava justamente o primeiro sujeito que estava estudando esse fenômeno. Eu creio que se eu não estivesse no Brasil talvez eu não

estivesse chegado a perceber o fenômeno da paralaxe cognitiva justamente porque em nenhum outro país eu não poderia vivenciar existencialmente um fenômeno de autoengano coletivo tão total e radical, e o fato de eu ter sido impressionado por este fenômeno me motivou ainda mais para estudar as origens remotíssimas da possibilidade deste engano coletivo, que é um fenômeno de uma gravidade extraordinária, de uma amplitude gigantesca e que pode ser estudado sob vários aspectos, e um dos aspectos é a estrutura lógica da paralaxe cognitiva que tem algo a ver com aquilo que em lógica se chama autoreferência, ou seja, que é aquilo que uma frase diz sobre ela mesma. Por exemplo, se eu digo “esta frase não está sendo dita neste momento”, a frase enquanto tal não tem contradição a não ser com o fato de que ela está sendo dita, então, autoreferência é aquilo que uma frase diz sobre ela mesma, mas acontece que o que ela diz sobre ela mesma pode ser incompatível com o fato de ela estar sendo dita, e isso é praticamente a estrutura lógica da paralaxe, que é exatamente o que acontece com o paradoxo do mentiroso, então há uma estrutura lógica na paralaxe e a presença repetida desta estrutura lógica entre a teoria dos filósofos e a situação de discurso no qual essas filosofias foram emitidas/escritas pode ser comprovada histórica e documentalmente filósofo após filósofo com raríssimas exceções. Na verdade, eu nem procurei essas exceções; o fato de ela estar presente em três, quatro ou cinco filósofos já seria notável, e o fato de não ter sido notada pelos filósofos é mais notável ainda e mostra que a paralaxe cognitiva num autor provoca e se propaga uma paralaxe cognitiva nos leitores.

Um segundo aspecto que poderia ser estudado é exatamente sobre o ponto de vista dessa propagação, isto é, como é que um fenômeno que começa na cabeça de um, dois ou três indivíduos se propaga até se transformar em uma peste coletiva? Aí, as analogias com vírus de computador são absolutamente inevitáveis, então, não deixa de ser interessante que uma das manifestações mais avançadas e recentes do fenômeno da paralaxe é a teoria de Richard Dawkins (biólogo inglês), que criou uma coisa que ele chama de ciência e que leva o nome de memética - o estudo dos memes -, e meme é o equivalente cultural do gene, ou seja, assim como existe o estudo da formação dos organismos a partir da informação genética recebida, também, segundo Dawkins, existe o estudo das formações culturais a partir de unidades mínimas de informação que ele chama de meme. É claro é uma absurdidade Dawkins explicar todos os fenômenos culturais por propagação memética (vírus de computador) porque se todos os fenômenos culturais se propagam como vírus de computador - inclusive as passam a ser vírus de computador que se propagam a esmo -, então é claro que a propagação da própria teoria memética é também apenas um vírus de computador, e se o seu eventual fracasso ou sucesso, aceitação ou não aceitação pela sua comunidade científica passa a ser apenas uma propagação de vírus e não tem nada a ver com a veracidade ou falsidade da teoria - a teoria memética é um exemplo de paralaxe cognitiva em escala monstruosa porque ela já contém de certa maneira a prova da sua própria irrelevância, mas ela se torna tão mais importante quanto mais ela está provando que ela não tem importância nenhuma, porém, é claro que existe o fenômeno do meme, ou seja, da unidade de informação que randomicamente se propaga a esmo e que se multiplica em quantidades fenomenais não é o mecanismo básico da cultura, como pretende Dawkins, mas é um fenômeno que existe e a própria fama da teoria da memética de certo modo o comprova, então, isso quer dizer que algo da memética pode ser aproveitado não no estudo da formação das culturas e sim da teratologia cultural, da propagação da estupidez, da mentira, da bobagem, etc. incluindo a própria memética. O primeiro prisma pelo qual pode ser estudada a paralaxe é o prisma lógico, o paradoxo do mentiroso e o problema da autoreferência; o segundo é o problema do ângulo memético, ou seja, a propagação - como é que este vírus de computador que está na cabeça de um autor passa para a cabeça de seus leitores e de outros filósofos e vai se propagando até chegar ao engano coletivo máximo do qual esse exemplo brasileiro do Foro de São Paulo poderia servir de amostra; e é claro que um terceiro ângulo possível que eu já mencionei nas aulas anteriores é o fenômeno da paralaxe como um dado de consciência, a estrutura da consciência paralática, por assim dizer, ou seja, quais são as estruturas de consciência que num Maquiavel, num Descartes ou

num Jean-Jacques Rousseau permite que um indivíduo cometa um erro tão gigantesco e vexaminoso; o quarto aspecto seria quais foram as condições culturais gerais e o terreno que permitiram a propagação desse vírus de computador - já não é mais o ângulo memético ele é a propagação do vírus visto desde o vírus, é o terreno propício da propagação do vírus, mas dentro do terceiro item, que é a questão da estrutura de consciência já é um estudo que poderia se multiplicar em vários volumes porque é um tema que não termina mais e evidentemente um dos documentos mais que nós temos aí é a sucessão de autobiografias, que é um gênero que neste época começa a se propagar em grande velocidade e que nos forcene um material precioso. Mas o fenômeno da estrutura do ego ou 'eu' na modernidade que aparece no início da modernidade é muito diferente do que podia se observar no tempo de Santo Agostinho ou na antiguidade greco-romana, então a origem de uma nova estrutura de ego evidentemente tem algo a ver com o surgimento da paralaxe. Para estudar este assunto nós deveríamos levar em conta o fato da ruptura da modernidade com a cosmovisão bíblica; freqüentemente nós nos esquecemos de que nessa pré-modernidade toda a vida/existência humana sobre o planeta é vista já como um segundo capítulo da História e da realidade porque a cosmovisão bíblica começa numa espécie de pré-tempo, você tem uma narrativa anterior à todas as narrativas, isto é, uma narrativa dos episódios que se deram Deus e os anjos numa época infinitamente remota e anterior ao surgimento do ser humano – uma época que não é bem uma época e por isso chamo de pré-tempo, e esse pré-tempo abrange em primeiro lugar a criação do próprio universo. Aqueles capítulos iniciais de Gênesis, embora narrados em linguagem mítica, podem perfeitamente ser traduzidos numa linguagem metafísica na qual uma vez feita a tradução percebe-se facilmente que a mensagem do Gênesis não apenas é verdadeira mas absolutamente necessária. Essa tradução pode tomar mais ou menos o seguinte sentido: você imagina a formação do universo a partir de um processo puramente material, a origem da vida mais especificamente a partir do encontro entre duas moléculas que geraram um ser vivo ou a partir do encontro entre dois átomos que tiveram uma certa reação química que veio a resultar na existência dos seres vivos, e o fato é que se houve esse encontro de átomos ou moléculas que produziu esse efeito, esse efeito evidentemente é função da estrutura dos átomos ou da estrutura das moléculas e que pode ser expressa matematicamente, o que significa então que a vida resulta de uma fórmula matemática que veio se realizar a partir do instante preciso em que esses átomos ou moléculas se encontraram. Acontece que se esse encontro resultou na produção dos seres vivos ou até na origem de todo o universo físico existente, é porque essa fórmula já era válida antes do momento em que isso aconteceu, ou seja, as proporções matemáticas envolvidas já eram as mesmas e já eram aptas a produzir esse efeito em qualquer momento em que o encontro de átomos ou moléculas acontecesse; a estrutura interna dessa fórmula é evidentemente um dado puramente lógico que é válido anteriormente à sua realização material. Ora, esse elemento lógico precede a criação e é isso mesmo o que a Bíblia diz com “no princípio era o logos”, “no princípio era o verbo divino”, e o verbo divino não é outra coisa senão a inteligência de Deus, então o conjunto dessas relações lógicas que precedem a existência do universo e que são necessárias para que ele possa existir é a inteligência de Deus – talvez não seja toda a inteligência de Deus mas são elementos dela – e que cuja existência podemos comprovar por mera análise das condições das possibilidades da existência do próprio universo. Isso quer dizer que mesmo que a explicação de tudo seja puramente material, o fato de que seja possível explicá-la materialmente prova que existe uma estrutura lógica anterior à manifestação do processo material aí descrito. Se as pessoas do design inteligente se limitassem a dizer isso não haveria como refutá-las; o problema é que elas tentam afirmar algo mais do que isso e aí entram num terreno polêmico, mas eu creio que a pré-existência das determinações lógicas necessárias ao processo cósmico não é refutável de maneira alguma, pois no fundo eu estou dizendo que aquilo que aconteceu aconteceu porque era possível, e a possibilidade em si tinha uma estrutura lógica determinada, ou seja, a estrutura lógica das possibilidades já estava dada antes de que qualquer coisa acontecesse – podemos dizer então que essa estrutura lógica é eterna e um componente da inteligência divina. Mas dentro deste pré-entredo surgido num pré-tempo (entredo anterior ao tempo) como uma das manifestações da

expressão material dessa estrutura lógica, surge também a própria vida humana; a vida humana não surge no vazio e sim dentro de um quadro de possibilidades lógicas firmemente determinado e daí decorre que a vida humana não se dá numa total indeterminação mas dentro de um conjunto de definições definidas, e dentro desse conjunto surge a narrativa bíblica que vai da criação até o apocalipse, até o juízo final, e o juízo final é a reabsorção de um processo temporal no pré-tempo. Toda a existência material bóia dentro da eternidade, e a eternidade é o conjunto dessas determinações lógicas que permitem a existência e o espaço temporal, então dentro desse conjunto da possibilidade universal é que existe o universo efetivamente existente e nós podemos compreender esse universo porque ele se apóia numa estrutura lógica que o transcende. É fácil você perceber por exemplo que o fato de um mais um dar dois é independente da existência deste universo, qualquer universo que existisse ou mesmo que não existisse universo algum um mais um continuaria sendo dois eternamente; as leis da aritmética elementar são exemplos desse tipo de determinações lógicas que são independentes da existência do que quer que seja e é exatamente o conjunto dessas relações que constitui o que chamamos de metafísica. O universo existente e portanto também a nossa vida (vida histórica humana, vida biológica) transcorre dentro de um quadro de condições metafísicas definidas, existe um cenário metafísico definido desde o pré-tempo, não é porque não era época, isso não é um momento do tempo e sim uma condição de possibilidades da existência do tempo, e dentro desse quadro existe a vida humana, portanto, não havendo a indeterminação mas a inserção da vida humana dentro desse quadro, daí decorre várias conseqüências entre as quais a existência de uma natureza humana definida que impõe aos seus portadores certas obrigações para consigo mesmos e para com a estrutura da realidade em geral. Note bem que a expressão religiosa do que estou falando é só uma expressão possível e não depende nem mesmo da religião, com ou sem religião seria exatamente a mesma coisa; a religião tal como nós a conhecemos é apenas um conjunto de símbolos e ritos que facilitam de certo modo a inserção consciente do indivíduo humano dentro desse quadro de condições e obrigações, o que também quer dizer que a existência de regras morais, etc. não é de invenção humana mas é a simples decorrência de uma natureza humana já anteriormente definida a qual existe dentro de um outro quadro dentro de determinações também definido. Em praticamente todas as civilizações conhecidas e também na civilização cristã havia sempre a consciência dessas determinações prévias, determinações de ordem metafísica que balizam a existência humana e das quais decorrem certas obrigações que o ser humano tenta interpretar e compreender, isto é, nas interpretações as várias culturas podem divergir e errar mas a existência dessas pré-condições não é em si mesma questionável - os códigos morais na existência no mundo, por exemplo, são diferentes interpretações que foram dadas a uma realidade percebida uniformemente por todos os seres humanos, por todas as culturas. A existência da natureza humana dentro de um quadro de condições determinado que de certo modo limpou a regra da sua vida é algo que nenhuma religião jamais questionou; a primeira que questiona é a chamada modernidade ocidental.

Muito bem, a partir do momento que os filósofos perdem a conexão com essa cosmovisão bíblica, com a qual não se sentem mais encaixados dentro dela, surge evidentemente a necessidade de buscar novos quadros de referência, novos enredos justificadores da existência humana, ou seja, não dá para viver no vazio e se você não tem um enredo pré-determinado você terá de inventar um enredo ou encontrar algum outro. Quando falo enredo quero dizer sobretudo o sentido da vida, dentro da cosmovisão bíblica o sentido da vida é mais do que autoevidente por assim dizer, se já existe um enredo em grande parte pré-determinado você tem de se encaixar nele e desempenhar o seu papel; na verdade, no enredo bíblico a finalidade da existência dos seres humanos seria substituir os anjos caídos, a queda dos anjos é um fato do pré-tempo que pode ser expresso não em linguagem mítica mas em linguagem metafísica, mas eu não terei tempo de fazer isso hoje pois é muito complicado, mas como o ser humano surge dentro desse enredo pré-existente e ele tem o papel de desempenhar dentro do cosmos, então o sentido da vida é evidentemente chegar ao juízo final em condição de ser ressuscitado após a sua morte e receber um novo corpo num novo céu, numa nova terra e esse novo corpo chamado corpo de glória é o atestado de que o ser humano

cumpriu a sua função e portanto passará então a ser uma das forças plasmadoras ou criadoras da realidade, ele se integrará e começará a ser, como os anjos, um aspecto da inteligência divina, e expressar isso em linguagem teológica é evidentemente criar polêmica mas quando você transpõe em linguagem metafísica a coisa fica com uma clareza e inexorabilidade tão grande que não dá nem para discutir. A partir do momento em que os filósofos se divorciam dessa cosmovisão bíblica (nós não podemos dizer que isso acontece pois isso que estou dizendo jamais foi discutido, ninguém sequer tentou provar que não é assim), as pessoas simplesmente se afastam da religião. A religião não é o elemento central do que estou falando, ela é apenas uma expressão culturalmente localizada disto, mas a existência dessas pré-condições da vida e desse quadro de condições da vida humana é conhecido universalmente. Quando se afastam da religião também se afastam desse quadro de referência e então têm de procurar um novo sentido da vida. Ora, imaginem vocês qual é a situação de um organismo vivente que de repente se vê separado de toda a estrutura e existência do cosmos e está completamente isolado e sem saber o que fazer; é uma coisa horrível e é clado que as pessoas não agüentam isso por muito tempo e então o novo fenômeno do ateísmo a partir dessa época se propaga em grande velocidade – o problema não é o ateísmo e sim o corte com o conhecimento do quadro das condições da vida humana, a abdicação da estrutura da realidade, a realidade não tem mais estrutura e você está solto num espaço ilimitado e sem forma –, e uma das primeiras manifestações que aparecem de tentativas de reinserção dos indivíduos numa ordem cósmica é a moda da astrologia. O chamado Renascimento é a época da astrologia, em nenhuma outra época da História a astrologia se propagou com tanta velocidade e teve tanto prestígio e tanta autoridade quanto nas primeiras décadas do Renascimento. O que é a astrologia? É a inserção de um indivíduo dentro de um quadro de referência cósmico, já não é mais metafísico e não há mais o pré-tempo e o juízo final, mas você tem pelo menos uma estrutura cósmica de ciclos dentro da qual você pode se encaixar, é um enredo menor mas continua sendo maior do que você. Através da astrologia o indivíduo vendo o seu mapa astrológico, vendo mais ou menos a forma do seu destino que já estava dada no instante do seu nascimento, ele tinha também um pré-enredo de escala individual (não cósmico) e então começa a idéia do sentido da vida humana comprimida para a escala individual, ou seja, o indivíduo quando nasce tem pelo menos uma parte do seu enredo já pronta e ele terá de se posicionar perante aquilo, e então o problema do destino individual começa a atrair muito intensamente a atenção das pessoas. O indivíduo achar que sabe ou conhecer mais ou menos a estrutura da vida que ele terá de enfrentar pela frente lhe dá mais ou menos uma noção de sentido de vida, porém, é claro que essa noção da astrologia só faz algum sentido considerada dentro do quadro de referências anteriores, quadro de referências metafísicas, o fenômeno da estrutura astrológica da vida humana não existe em si mesmo, ele é apenas um símbolo de uma estrutura de realidade universal; considerado fora da estrutura universal ele se transforma num fetichismo, o indivíduo achar que a posição dos astros no céu vai determinar o sentido da sua vida e dizer qual é a sua função, obrigação do mundo, etc. é evidentemente um fetiche. O que se podia fazer e se fazia antes disso era, partindo do estudo da posição dos astros no céu tomado como símbolo de um momento cósmico, especular qual seria a significação simbólica dessa estrutura dos astros dentro do quadro maior do sentido total da vida humana, isso é possível fazer. O estudo dos astros como um dos elementos de uma cadeia formadora da vida humana – cadeia que começa por Deus e passa por várias potências cósmicas subsidiárias, os anjos, a Terra, até chegar no homem – ajudava o indivíduo a elucidar qual era a sua posição no mundo dentro do conjunto das determinações metafísicas, isso de fato se fazia, e aí, os astros são considerados dentro de um quadro que os transcende infinitamente e, neste sentido, se vocês procurarem Na Suma contra os Gentios, de Santo Tomás de Aquino vocês verão que ali ele dá uma espécie de resumo de como se enxergava essa questão na civilização cristã durante toda a Idade Média. Os astros eram vistos como forças formadoras dos organismos terrestres, dos corpos terrestres, e neste sentido a forma dos vários corpos sendo um elemento da criação divina podia ser interpretada como um elemento de grande enredo metafísico, ou seja, desde a forma de um organismo em particular até o momento da criação e o enredo no pré-tempo havia de certo

modo um fio condutor, através do estudo de uma coisa podia-se chegar a imaginar a outra, de modo que a forma dos entes terrestres era considerada o símbolo das leis do pré-tempo. Existe um famoso livro do Louis Charbonneau-Lassay, um engenheiro francês que dedicou muito tempo da sua vida percorrendo as igrejas na França e desenhando os animais e as plantas que representavam atributos de Cristo, e criou um livro chamado *Le Bestiaire du Christ* (O Bestiário de Cristo) – bestiário é a coleção de animais, como florário é a coleção de flores, lapidário é a coleção de pedras e assim por diante –, onde ele explica que a forma do corpo e da conduta dos vários animais representava potências cósmicas, potências angélicas e no fim das contas potências divinas, isto é, qualidades divinas, e havia um sistema de interpretação dessas formas; é claro que essa interpretação era altamente conjectural, mas todo esse simbolismo não era arbitrário e não tem nada a ver com figura de linguagem, havia regras estritas desse simbolismo e havia toda uma linguagem da natureza – assim como as formas do corpo podiam ser interpretadas, as formas das plantas, as estações do ano, todos os fenômenos da natureza de algum modo também podiam ser interpretados. Essa interpretação evidentemente não tem nada a ver com o processo físico de produção efetiva desses mecanismos e fenômenos, ou seja, quando o indivíduo diz modernamente que, por exemplo, um trovão não é a voz de Deus e sim a voz dos anjos mas é um fenômeno elétrico etc., ele está completamente enganado porque o modo de produção material de um fenômeno não tem nada a ver com o significado dele dentro do conjunto de um enredo metafísico, o conhecimento do processo material da sua produção não ajuda você a interpretá-lo, assim como saber que um livro foi impresso não ajuda a saber o que está escrito no livro, ou seja, o significado de um fenômeno sempre transcende a estrutura física deste fenômeno e está colocado para muito além da sua presença física e o conhecimento dos detalhes, da presença física e da sua produção não ajudam nada a entender aquilo – na verdade são dois estudos que vão em direções completamente diferentes, interpretar uma frase é uma coisa e conhecer o processo acústico da produção da frase, de como a frase chegou ao seu ouvido e afetou o seu tímpano, é outra coisa completamente diferente, o estudo de uma dessas coisas nada indica sobre a outra e nem a outra sobre a uma. O fato de que a cosmovisão bíblica fosse impugnada a partir de certos processos materiais, como aconteceu freqüentemente e acontece até hoje na civilização ocidental, é um exemplo de paralaxe em escala máxima porque implica que o indivíduo que tira essas conclusões não está entendendo o próprio fenômeno que está estudando, ele está estudando uma coisa e acredita que está estudando outra, ele está estudando um processo de produção material de um fenômeno, da causa eficiente que gerou um fenômeno e acredita que está estudando o significado daquela coisa ou acredita que ele pode impugnar o significado a partir do estudo da causa eficiente. Isso é uma confusão tão monstruosa e primária que o fato de ela ter se propagado tão amplamente na modernidade depõe contra a inteligência do ser humano ocidental. Na verdade, se bem examinadas as coisas, o estudo da paralaxe cognitiva não é nada mais do que uma espécie de imbecil coletivo de escala universal desenvolvendo não indivíduos isolados, exemplos de estupidez pessoal mas, ao contrário, as maiores inteligências da História moderna.

Junto com o ingresso da astrologia como instrumento de decifração da vida humana, que já é um instrumento mutilado - o simbolismo astrológico só fazia sentido dentro da referência metafísica; fora dela vira um fetichismo, uma espécie de idolatria -, um segundo artifício de produção do sentido da vida, de uma justificação da existência humana é a idéia da fama. Nós estamos tão acostumados com essa idéia que freqüentemente achamos que a idéia da fama é um fenômeno universal; não, esse é um fenômeno histórico, surge a partir de um certo momento, o que quer dizer que a fama é considerada importante a partir de um certo momento da História. A fama fornece uma justificação para a vida humana, você existe para realizar certas coisas notáveis que justificarão que outras pessoas continuem falando de você depois que você morrer. A fama não está no indivíduo, a fama do indivíduo está nos outros, no que os outros dizem e/ou pensam sobre ele, é uma espécie de reflexo ampliado. Evidentemente, a apologia da fama começa com uma concepção aristocrática porque o número de pessoas que podem vir a ser famosas são

poucas, então, a idéia de que a fama produz uma justificação da vida, de que o fato de que o sujeito ter feito coisas notáveis justifica de algum modo a vida dele e o retira do seu isolamento biológico e o insere dentro de um quadro de sentido da vida e beneficia somente aquelas poucas pessoas capazes de realizar grandes coisas. Ora, o que separa os indivíduos capazes de realizar grandes coisas dos incapazes? São dois fatores: primeiro, os méritos pessoais, o sujeito tem de ter certas qualidades, mas em segundo lugar existe a sorte, o que chamavam de fortuna. Existe a fortuna secunda (secundo é aquilo que ajuda, socorre, ampara), na qual o sujeito é ajudado pela sorte e chega a realizar o seu potencial para grandes feitos, se torna um sujeito importante e se insere dentro de uma narrativa não metafísica, mas humana, histórica que através da pertinência (o indivíduo pertence a um conjunto maior do que ele) lhe dá então um sentido de vida, e se ele cai na fortuna adversa, ele se estrepa todo e não consegue se realizar. Isso quer dizer que inicialmente a idéia da fama como justificadora da vida aparece dentro de uma visão do ser humano como uma entidade que está submetida às oscilações da fama e essas oscilações têm evidentemente algo a ver com ritmos cósmicos e portanto também com o ciclo planetário, com a astrologia. Essa idéia da fama e da fortuna aparece muito claramente no próprio Maquiavel e em outros autores da época. Existe nesses autores uma espécie de adoração da fama, eles caem de joelhos perante o fato de que algumas pessoas consigam fazer coisas notáveis. Particularmente, entre os personagens que atraíram muito a atenção na época foi Tamerlão, o líder mongol que realizou feitos militares maiores do que quaisquer outros conhecidos na antigüidade greco-romana, cuja fama na época era uma espécie de assombração sobre toda a Europa, então um sujeito como Tamerlão chama a atenção desses filósofos também para o fato de que alguns indivíduos sobem muito acima da média humana na amplitude das suas realizações, e esse fenômeno então parece dar a esses filósofos uma espécie de quadro interpretativo da vida humana. Esse quadro, porém o fato da fama em si não fornece um quadro inteiro porque sempre falta a explicação do porquê um se tornou famoso e o outro não se tornou e não tem como essa explicação ser feita a partir do mérito, então esse fenômeno da fama é reinserido dentro da cosmovisão astrológica sendo relacionada aos ciclos planetários e à chamada fortuna secunda e fortuna adversa. Isso coloca pela primeira vez na história humana a idéia da concorrência entre os seres humanos e da sobrevivência dos mais aptos, a idéia que mais tarde será transformada em conceitos científicos em biologia primeiro por Herbert Spencer e depois por Charles Darwin. Isso é para vocês verem como os conceitos científicos jamais surgem por observação científica da realidade mas são retirados da cultura em geral, já pré-existem na cultura às vezes com séculos como símbolos, tendo toda uma carga simbólica; depois, mais tarde eles podem ser depurados e receber um sentido mais específico dentro de uma ou outra ciência, mas já pré-existem como símbolos na cultura em geral. A idéia de sobrevivência do mais apto aparece aí e mais tarde será trabalhada por Thomas Hobbes. Note que essa idéia não surge nenhuma vez antes disto, nenhum filósofo antes destes teve a idéia de enxergar a vida humana como uma espécie de concorrência universal, luta de uns contra os outros resultando na sobrevivência dos mais aptos. Não que desconhecêssem a existência dos elementos luta e concorrência, só que – a existência do fenômeno é uma obviedade que ninguém pode negar – qualquer filósofo da Antigüidade ou da Idade Média sabia que o aspecto “luta” era um dentre os inumeráveis aspectos que compõem a convivência humana; você tem elementos de luta, de solidariedade, de amor ao próximo, de dependência, de confiabilidade, de fidelidade, tudo isso junto. Pegar um desses aspectos e fazer dele o conceito geral explicativo é uma idéia tão idiota que não ocorreu a ninguém antes deste período. Para você pegar um determinado aspecto da vida (aspecto que nem sequer é permanente e sim intermitente porque não pode haver conflito o tempo todo) e colocá-lo no topo e fazer dele não o aspecto mas o fenômeno em si – ele deixa de ser um aspecto e vira o fenômeno e os outros aspectos se tornam aspectos dele – traduz evidentemente uma atração hipnótica por um determinado aspecto no qual o filósofo fixa a sua atenção de tal maneira que aquilo se torna o centro e o topo do fenômeno. Aí evidentemente já existe uma substituição da experiência real por um elemento criado, um elemento inventado. A luta como chave geral da vida humana é uma invenção, ninguém jamais observou isso na realidade. Na realidade tanto na vida animal como na

vida humana existe momentos de luta, mas também existe uma infinidade de outros fatores muito mais importantes. Eu imagino por exemplo se a luta começasse já no nascimento, as mães liquidariam os seus filhinhos imediatamente e se prevaleceriam da superioridade física que têm. Como você explica que tanto os animais quanto os seres humanos se sacrifiquem tanto pelos seus filhos se o espírito deles é movido pelo desejo de luta, destruição e vitória a todo preço? Isso não tem sentido. Há situações específicas em que aparece a luta, mas a luta só se justifica em função de outras coisas. Por exemplo, a leoa que mata uma zebra para dar o que comer aos seus filhotes – ela está lutando contra a zebra, não contra os filhotes. Além do mais, a luta é o meio, não o fim, pois o fim é alimentar os filhotes. Como você pode fazer da luta da leoa com a zebra o centro dos acontecimentos? Se esse fosse o centro a leoa tão logo mata a zebra e se dá por satisfeita e esquece de levar a comida aos filhotes. Essas coisas são observações comuns que correspondem à experiência real, mas quando um determinado aspecto ocupa o cenário inteiro, muda a estrutura da experiência observada e ele cria uma estrutura da qual ele é o centro e a experiência se torna um enfeite daquele aspecto criado/inventado, então vocês já estão dentro de um fenômeno de teratologia intelectual muito grave. O fato é que desde que o mundo é mundo os seres humanos vivem no mundo da experiência, que é o mundo que está em aberto e não é abarcável pela vida humana, ou seja, o campo da experiência é ilimitado. O extremo limite do campo da experiência é o mundo da possibilidade, você sabe que o impossível não acontece – este é o único limite que existe para o mundo da experiência. As determinações, as leis internas da possibilidade são a esfera metafísica, da qual justamente trata o Gênesis. Desde que o mundo é mundo todos os seres humanos sabiam que viviam dentro de uma esfera de experiência absolutamente ilimitada em si mesma, ilimitada nos seus próprios termos mas circunscrita pelas leis da possibilidade universal, então, não é possível abarcar cognitivamente o mundo da experiência mas ele já está abarcado e pré-limitado pelas leis da possibilidade universal. Existe a esfera da possibilidade e dentro dela existe a esfera da realidade. Todos os seres humanos sabiam que viviam dentro disto. A partir da hora que você perde a noção da possibilidade universal surge a necessidade de você limitar a própria esfera da experiência porque você não agüenta viver numa situação em que tudo está em aberto, você não tem mais a noção da impossibilidade que limita o ilimitado, você está no ilimitado absoluto. Essa experiência de viver dentro do ilimitado absoluto marca a famosa transição citada no título do livro do Alexandre Koyré, *Do Mundo Fechado Ao Universo Infinito*. O universo infinito não é nada mais do que o mundo da experiência que não tem mais limites, e como ele não tem mais limites então evidentemente é uma situação aterrorizante e dentro dessa situação aterrorizante você tem de inventar limites que já não são os limites da possibilidade universal mas sim limites intrínsecos do próprio mundo da experiência. Então você pega certos aspectos que você compreende que têm um poder explicativo subjulga todos os demais aspectos a este, aí você tem a impressão de que conseguiu fechar o universo dentro de um quadro explicativo que você compreende e domina. Explicar a vida como luta é um recurso simplificador, ou seja, desde que você compreende a lógica da luta você reduz o universo à luta e está tudo explicado. É claro que isso é fictício, inventado, e em algum momento uma teoria assim condescida entrará em confronto com a experiência, mas como o fenômeno escolhido como fenômeno central e ele em si mesmo é bastante amplo e poderá ser estudado pelo resto da vida sem esgotar o assunto, pode ser que a percepção dessa incoerência demore um pouco. E, graças ao fenômeno da paralaxe cognitiva, essas teorias acabam sendo vivenciadas como peça de teatro. O leitor entra na *suspension of disbelief* e vivencia aquilo como um sonho acordado e acredita que aquilo é o mundo. É isso o que no fundo o Bruno Tolentino quis dizer com “o mundo como idéia”; este é o mundo como idéia, é um mundo constituído apenas de uma invenção mental humana que tem um poder atrativo e hipnótico tão grande quanto o de um espetáculo de teatro, e você pode passar o resto da sua vida vivendo dentro dessa atmosfera – é claro que você vai viver duas vidas, a subjetiva, que você imagina e a que você está vivendo realmente, mas a qual você já virou as costas e não te interessa mais; tudo aquilo que não coincide com o espetáculo é abstração. Se você está sentado numa platéia de teatro e aparece um mosquitinho zumbindo, você faz a abstração do mosquitinho e não presta atenção nele para não

perder a peça, não é assim que você faz? Você cria uma defesa automática contra tudo aquilo que não é pertinente ao enredo pelo qual você está interessado. Isso é o que hoje as pessoas chamam de concordar. Quando as pessoas concordam com alguma coisa quer dizer que elas têm um mecanismo de defesa automático para desviar a atenção de qualquer coisa que não esteja dentro do enredo no qual elas querem acreditar que estão vivendo, e por incrível que pareça, inventar essas coisas é o que passar a se chamar de filosofia. A filosofia passar a ser uma construção de universos ficcionais que têm de ser evidentemente muito atraentes e persuasivos, têm de impressionar e persuadir as pessoas e ser bastante rico para você poder continuar dando exemplos e fatos que pareçam dar a impressão de coisa ilimitada.

Bom, a idéia da sobrevivência do mais apto aparece então nessa época, mas é muito fácil, como mais tarde disse Popper quando observou que a teoria da evolução era tautológica porque ela fala da sobrevivência do mais apto, mas como você sabe que era mais apto? Era mais apto porque sobreviveu e sobreviveu porque era mais apto, então, da sobrevivência do mais apto à promoção do sobrevivente à condição de mais apto é um passo. Isso quer dizer que uma vez colocado o princípio da sobrevivência do mais apto, a sobrevivência e a vitória em si passam a ser consideradas os valores justificadores e se são valores justificadores já não podem mais depender dos ciclos da fortuna porque senão o mérito não é seu e sim do ciclo da fortuna. Como ao mesmo tempo surge para os astrólogos um pequeno problema, que é o da cosmologia de Copérnico, que parece – parece apenas – estourar aquele quadro de referências geocêntrico e que se torna uma objeção contra a astrologia, e como por outro lado a própria Igreja reagisse vigorosamente contra o novo culto dos astros, cria-se ali uma convergência de argumentos materialistas e religiosos contra a astrologia e a visão que se tem da fama passa a ser menos condicionada pela idéia dos ciclos naturais e passa a encomporar a idéia da sobrevivência como mérito, o sobrevivente, o sujeito que ganhou passa a ser ele próprio o portador do mérito, e então aparece aí a ideologia da adoração do sucesso - o sucesso é a obrigação de todos os seres humanos. Porém, o sucesso ainda pode ser seletivo e dentro de uma cosmovisão onde o que importa é o sucesso pode-se perguntar durante quanto tempo a massa suportará estar na lista dos fracassados contemplando aqueles poucos que alcançaram o sucesso. Então, daqui a pouco surge a promessa do sucesso universal com essas ideologias de massa e com o direito de todos ao sucesso. Aí você vê como um fenômeno de massa de amplitude enorme surge num pequeno desvio intelectual acontecido num número relativamente pequeno de filósofos no começo da modernidade. A investigação desta linha de desenvolvimento da fortuna, a qual Eric Voegelin dedicou umas cinco páginas no quinto volume d'A História das Idéias Políticas, já é um terreno aberto para investigações de detalhes que não terminam mais e é um dos compotentes então do meu estudo sobre a paralaxe. Simultaneamente também acontece, como já assinali, um interesse maior dos indivíduos por si mesmos evidentemente. Como a cosmovisão bíblica, o esquema cosmológico da Bíblia desaparece, desaparece também a idéia de um sentido da vida humanariado por essa determinação metafísica. A partir daí, qual é o elemendo doador de sentido? Qual é o criador do sentido? É a própria consciência humana, ela mesma tem de determinar o sentido da sua existência e se realizar. Exatamente como acontece em Descartes, o 'eu' passa a ser o ponto fixo do qual gira a realidade, o 'eu' é a única certeza de Descartes, e como ele é a única certeza, as demais certezas tem de surgir dele mesmo. Ele passa a ser o doador de sentido e o ego humano, que antes era apenas considerado um componente, um elemento dentro de um universo de sentido no qual ele tinha de se encaixar para poder ter sentido, passa a ser agora a origem do sentido, o que quer dizer que o ego tem de perguntar a si mesmo qual é o sentido da sua existência. É claro que ele pode apelas à cosmovisão astral mas ela cai e é impugnada por outros fatores, pode apelas à ética da fama, mas como nós vimos ela é bastante problemática, e no fim das contas em algum momento o indivíduo será devolvido a si mesmo e terá de colocar para si mesmo a pergunta “quem sou eu?”, “o que estou fazendo aqui?”, etc. e ele mesmo vai ter de prover as respostas para isso.

A idéia da auto-observação, introspecção e o exame de si mesmo já não no ponto de vista moral como na confissão católica mas no ponto de vista cognitivo, conhecer-se a si mesmo através da auto-observação e auto-descrição se transformam numa verdadeira mania na modernidade e uma das primeiras expressões disso é a obra de Michel de Montaigne, os Ensaios, que não são nada mais do que ensaios de auto-observação. Porém, já em Michel de Montaigne acontece que este ego que é observado por ele mesmo se mostra ser uma realidade muito evanescente, muito nebulosa, sem forma e que às vezes chega a parecer até mesmo inexistente porque quanto mais você se observa a si mesmo, quanto mais você penetra nos meandros da sua própria psique, mais você descobre que é difícil afirmar qualquer coisa a seu próprio respeito que o instante seguinte não desminta de algum modo. Você não consegue se definir com caracteres constantes. Então, Michel de Montaigne já define o seu próprio ego, o seu próprio ser como ondulante e diverso, ou seja, está em perpetua mutação. Como esta realidade tão ondulante e diversa e que é tão evanescente pode ser a origem e o fundamento de tudo? É claro que a experiência do ego evanescente também é dado da modernidade. Qual é a diferença entre este ego moderno e o ego antigo ou sobretudo medieval? O ego medieval é um elemento de um enredo que o precede, antes de você entrar na existência já houve o pré-tempo, já houve a criação, e já está dada toda a regra que culminará no juízo final. O seu ego não é nada mais do que a narrativa das reações pessoais que você oferece à narrativa pré-existente, ou seja, a narrativa da sua participação neste enredo expresso sobretudo através da luta para chegar ao juízo final em condição de cumprir a meta da vida humana que seria genericamente definida como a salvação. Isso quer dizer que o ego não tinha uma existência fora desse enredo, ele é como o personagem de uma peça que retirado da peça não faz sentido nenhum. Narrar a vida humana é narrar o trajeto de um indivíduo dentro de um enredo que é maior que ele e que o precede, você entra no capítulo 352, por exemplo, você vive até o capítulo 357 e você narra a sua vida dentro desse percurso. Se você pegar a autobiografia de Santo Agostinho você vai ver que a temática dele é o pecado e a redenção, que definem o quadro da vida humana e o ego humano. O ego não é nada mais do que as reações de um organismo psicofísico e particular a esta proposta que lhe é dada pelo pré-enredo, isto é, você nasceu, você está aqui, você é vivo e existe uma vida prévia à sua existência e existe uma vida posterior à sua existência, e a sua vida é uma ponte entre as duas, então existe a eternidade prévia à criação e existe a eternidade pós juízo final. A vida inteira humana não é senão uma ponte entre dois aspectos da eternidade, você vem de uma e vai para outra e você terá de se virar aí no meio. O transcurso da sua vida não é nada mais do que o trajeto da criação à redenção com todas as peripécias que isso envolve. Ora, como ficaria o ego humano se ele fosse retirado desse cenário? Ele fica como o personagem de uma peça sem a peça. O que você saberia de Otelo se você apagasse Desdêmona e Iago? Otelo evidentemente fica ondulante e diverso, ele é nebuloso e não é mais nada. Ou seja, a tentativa de descrever o ego humano sem o quadro do enredo pré-existente só pode resultar na diluição desse ego humano num conjunto de dúvidas insanáveis. Nesse mesmo período havia um filósofo chamado Giordano Bruno que disse textualmente que se você adotar uma visão materialista do universo você acabará duvidando de que você mesmo existe. Essa frase é profética, porque a inapreensibilidade do 'eu' decorre do fato de que ele não tem mais o enredo, e ele por si mesmo não é nada, ele só é alguma coisa dentro do enredo. A partir da hora em que esse enredo sumiu você tem de inventar outro enredo que então é escolhido mais ou menos arbitrariamente a partir da sua preferência, como o caso da fama, da sobrevivência do mais apto, etc. e aí há toda uma evolução que vai terminar no enredo socialista ou você vai ter de contemplar a sua própria dissolução. A dissolução progressiva da imagina do ego humano e portanto da personalidade humana aparece muito claramente na literatura ocidental. A literatura aparece um pouco mais atrasada porque Michel de Montaigne já havia percebido que ele era ondulante e diverso, que ele não poderia se definir, mas, no entanto, uma coisa é você perceber a realidade e outra coisa é você ser capaz de criar narrativas literárias que expressem a sua experiência. Então, na evolução da literatura de ficção o que você observa é que as primeiras narrativas têm personagens que são muito bem definidos; Dom Quixote, por exemplo, é inconfundível, de certo modo não há nem

incoerência dentro dele, ele é um bloco e dentro das narrativas românticas também é a mesma coisa. Quando chega por volta do século dezenove começa a aparecer a incoerência nos personagens – os personagens de Dostoiévski já não são definíveis por uma qualidade dominante, eles são contraditórios, e quando chega no século vinte, com Marcel Proust, o personagem já é diluído, já não há mais personagem, só há momentos e estados, você não consegue mais definir uma pessoa inteira, então esse fenômeno da desaparecimento do ego na literatura manifesta num campo específico quanto à literatura de ficção o fenômeno que já havia sido constatado três séculos antes por Michel de Montaigne que é desta inapreensibilidade do 'eu', mas o 'eu' não é inapreensível, ele só é inapreensível quando considerado isoladamente porque o ego é evidentemente um fenômeno relacional, eu tenho este ego, eu sou quem eu sou dentro da história que estou vivenciando, se me tirarem dessa história eu não sou mais nada. Para que uma substância possa ser definida em si mesma independentemente de suas relações com as outras é necessário que ela seja uma substância absoluta, eterna e imutável, que ela seja Deus, só Deus pode ser definido em si mesmo sem relação com tudo o mais. Agora, se você exige que o ego seja Deus evidentemente ele fracassa, ele não consegue, ele não é tão real quanto Deus. Na cosmologia antiga então se admitia facilmente que a existência do ego, da personalidade humana era uma espécie de concessão da substância, isto é, o ser humano era uma substância mas não no sentido absoluto, era uma substância derivada, ele tinha uma existência relativa que expressava e derivava de uma existência absoluta que o transcendia e o instaurava por assim dizer. Se você tira a substância instauradora e exige que a substância derivada se defina a si mesma de maneira absoluta é claro que ela não consegue. Então, a tentativa de fazer do 'eu' o centro da realidade só pode fracassar porque ele não é o centro da realidade efetivamente. Mas quando nós observamos essas coisas o que nós vemos é uma sucessão de erros, de enganos e de vexames filosóficos tão absolutamente formidáveis que não podemos deixar de perguntar como é possível acontecer uma coisa dessas, como é possível tantas teorias pueris e absurdas e que se sucedem umas às outras. A resposta é a seguinte: o ser humano não pode pensar, não pode conhecer a realidade fora do quadro do pré-enredo. Todo conhecimento humano começa com o reconhecimento que ele vive dentro de um campo de experiência ilimitado cuja fronteira última é dada pelas leis da possibilidade universal. Isso nós chamamos de estrutura da realidade, a realidade é constituída dessas duas coisas: o mundo da experiência e a estrutura da possibilidade universal ou o logos ou a inteligência divina. Nós não podemos pensar nem conhecer nada fora disso e essa estrutura não é questionável, ela é a condição de possibilidade do conhecimento, ela é um dado e não uma doutrina e o reconhecimento desse dado aparece uniformemente em todas as culturas do mundo. A única vez que isso foi negado foi no ocidente moderno com os resultados que estamos vendo aí. É claro que essa negação não foi universal, nem todos negaram, muita gente continuou raciocinando dentro do quadro antigo e evidentemente adaptando as suas doutrinas às novas descobertas que iam aparecendo também, porque muita coisa se descobriu durante esse período, um erro doutrinário geral não implica que você vá se enganar a respeito de tudo. Numa peça de teatro, embora o conjunto dela seja fictício, há muitos elementos reais dentro dela, há muitas realidades psicológicas que você apreende dentro de uma peça, por exemplo, a estrutura do ciúme está perfeitamente descrita dentro de Otelo embora nunca tenha existido nenhum Otelo, nenhuma Desdêmona e embora nada daquilo tenha acontecido, embora tudo aquilo seja apenas um sonho acordado dirigido, a estrutura do ciúme está muito bem descrita ali; essas descobertas parciais se multiplicam dentro no mundo moderno e elas constituem todo um universo do que hoje nós chamamos de ciência, cultura, etc. Elas só não formam um conjunto, de toda a tentativa de formar um conjunto termina em contradição ou absurdidade porque partem da negação inicial da estrutura da realidade.

Perguntas

Como se poderia definir a modernidade?

Acho que acabei de defini-la. A modernidade é uma tentativa de criar uma cultura a partir da negação do pré-enredo, a partir da negação da estrutura da realidade, ou seja, o campo da experiência é num primeiro momento decretado como se fosse causa sui, ele é a realidade terminal, não existe mais o limite externo dado pelas leis da possibilidade universal, você faz abstração da noção teológica de Deus e junto com Deus você joga fora a noção da possibilidade universal. Isso quer dizer que o universo de experiência é colocado como se fosse ele a fronteira terminal, só existe o mundo da experiência e ao mesmo tempo esse mundo da experiência está em aberto, mas a própria expressão “mundo da experiência” não quer dizer nada a não ser dentro do quadro da possibilidade. O quadro da possibilidade não nos aparece materialmente como o mundo da experiência, mas ele aparece através da sua tradução psíquica que são as leis da lógica. As leis da lógica não são nada mais do que uma imagem microcós mica da estrutura da possibilidade. Se você pegar, por exemplo, o princípio de identidade, por um lado ele é um princípio gerador de proposições e as proposições não podem se contradizer entre si. Mas é claro que esse princípio lógico não serve só para as proposições, ele é a expressão de um dado da estrutura da realidade que é o de que o que é é e o que não é não é. Srm essa noção o mundo da experiência se torna tão informe e evanescente quanto o próprio ego. Se você não sabe que existe uma estrutura da possibilidade e da impossibilidade você não pode começar a raciocinar. Por exemplo, o que você chama de uma lei científica? Como você formula uma lei científica? Quando você diz que dado um conjunto de condições se seguirão tais ou quais fenômenos você está expressando um elo de necessidade, pode ser uma necessidade limitada, de tipo estatístico, mas é uma necessidade. O que é necessidade? Necessidade é aquilo que não pode ser de outra maneira, não cede. A necessidade é um dos elementos básicos da estrutura da possibilidade universal que separa o possível do impossível. Quando você emite uma lei científica você está expressando um elo de necessidade e portanto está expressando uma das manifestações da impossibilidade absoluta. Isso vale mesmo quando se trata de necessidade puramente estatística, mesmo quando se trata de mera possibilidade, quando você diz que há uma possibilidade de 72% de que tal coisa aconteça, você está dizendo que existe a possibilidade zero de que a possibilidade seja zero, você está negando a possibilidade de zero. Isso quer dizer que qualquer lei científica se baseia na idéia de necessidade, pode ser de necessidade absoluta como por exemplo as leis da aritmética elementar ou pode ser uma necessidade relativa como acontece nas leis empíricas validadas indutivamente que são de ordem estatística. Mas o elemento lógico é a idéia de necessidade, e necessidade é apenas a impossibilidade do contrário. O conhecimento da estrutura da possibilidade é o que dá alguma forma ao mundo da experiência, e veja que todos os seres humanos têm uma espécie de conhecimento instintivo de que existe a impossibilidade. Quando Aristóteles diz que o conhecimento começa com a surpresa, o que significa a surpresa? Significa que aconteceu algo que você imaginava que era impossível, então a surpresa não é nada mais do que o reconhecimento de um engano na interpretação da estrutura da possibilidade. Então, isso quer dizer que se nós não tivéssemos a capacidade inata de lidar com esse elemento da possibilidade absoluta/possibilidade universal e das várias gradações de possibilidade, probabilidade, verossimilhança etc., de toda aquela teoria lógica que está dada n'A Teoria dos Quatro Discursos o mundo da experiência seria uma coisa totalmente em aberto, absolutamente nebulosa e nós não conheceríamos nada. Então, como a partir dessa época considerada o 'eu' se torna o centro das coisas acontece que as leis da possibilidade passam a ser ignoradas como tais e só são conhecidas como as leis da lógica, isto é, como leis do pensamento humano, então surge aquela absurdidade do Kant de que a realidade em si é totalmente informe e anárquica e é a mente humana que lhe dá a forma – isso é impossível em si mesmo, o que Kant está dizendo é impossível. Se o mundo da experiência/mundo real fosse absolutamente ilimitado e informe eu também sou ilimitado e informe, eu também um elemento do mundo da experiência, então como é que eu poderia me puxar para cima disso como o barão de Munchausen que se puxa para fora da água pelo cabelo e eu decretar leis que dão forma à realidade? A nossa experiência real mostra que é o contrário, muitas vezes é a nossa mente que está informe e confusa e a realidade externa lhe impõe uma forma. Quando por exemplo você tenta fazer várias vezes uma coisa que não dá

para fazer, você por exemplo tenta carregar um peso que é maior que a sua força e você não consegue, a sua mente está em aberto, ela imagina você levantando aquilo, e a realidade externa lhe impõe um limite. Longe de você estar dando forma a um elemento informe é a forma externa que está dando forma à sua bagunça interna. Mas como surge dentro desse mundo onde não há mais o limite externo da possibilidade universal só sobra o mundo da experiência e o mundo da experiência sendo em aberto te coloca numa posição absolutamente insustentáveis, você tem de inventar que é a sua mente que coloca ordem na realidade externa, e a realidade externa é constituída de estímulos aleatórios e a nossa mente produz ordem naquilo. Essa é uma das teorias mais estúpidas e absurdas que alguém já pôde inventar e me espanta que tenham levado isso a sério por dois minutos. Acontece que só foi possível levar isso a sério dentro do ambiente já da modernidade pela desapareção da estrutura da possibilidade universal. Ou seja, eu não estou falando de ateísmo no sentido teológico, muitos dos autores que estavam envolvidos nisso eram cristãos. Não se trata de ser cristão ou ateu, não é isso; trata-se de você viver no ambiente mental tal como descrito pelo livro do Gênesis ou viver fora dele, mesmo imaginando que é cristão. Quando Gênesis dizer que no princípio fez Deus o céu e a terra, o que é a terra? É o mundo daquilo que já está definido, é o mundo-fato. O que é o céu? É o mundo das possibilidades em aberto. O conjunto dos dados e das possibilidades em aberto constituem o que nós chamamos de universo. Agora, esses dois mundos são limitados por Deus, e o que é Deus? É a possibilidade universal. Então você tem aí esse triângulo por assim dizer: você tem as leis da possibilidade universal, inteligência divina, vindo dela você tem um mundo criado, mundo manifesto que se divide naquilo que será no teatro grego interpretado por Prometeu e Epimeteu, as possibilidades já realidades e fechadas e as possibilidades que estão em aberto, mas não estão totalmente em aberto porque estão limitadas pela possibilidade universal. A partir da hora que você sai desse quadro você só vai pensar besteira. Este quadro é o dado fundamental da existência humana. Percebê-lo conscientemente e poder usá-lo como fundamento do raciocínio é próprio do ser humano; os animais não percebem porque tomam os limites do ambiente como limites últimos da realidade e nós sabemos que não são e que a possibilidade vai muito além disso. Porém, com as descobertas científicas nesta época, com as navegações etc. dá a impressão de que o mundo da experiência é ilimitado em todos os sentidos, ilimitado no sentido absoluto quando não é. Então essa passagem como fala Giordano Bruno do mundo fechado ao universo infinito é em grande parte ilusória, e tão logo você se vê num universo infinito você já trata de fechá-lo colocando no centro dele algum elemento improvisado como o ego, a luta ou qualquer outro conceito que exerça sobre você um fascínio mais ou menos ocasional.

Na questão do significado e do saber produzir os fenômenos, se passo a saber como um raio é produzido automaticamente não cancelo o significado que existia anteriormente como por exemplo de que o raio é a voz de Deus.

Essa afirmação é perfeitamente correta. O estudo da produção material do fenômeno não tem nada a ver com o estudo do seu significado dentro do conjunto universal. Isso é tão ridículo quanto você tentar interpretar um livro a partir da análise química da tinta com que ele foi impresso. É um erro primário, grosseiro, estúpido, na verdade não é um erro de lógica, é um erro de percepção. Agora, como é que a gente percebe este erro? O erro não está dentro da explicação que é oferecida, está no confronto entre o conteúdo da explicação e a situação de discurso. Se o fenômeno do significado do fato natural transcende infinitamente, o significado só existe dentro de um quadro de referência universal, não é um significado isolado e arbitrário. Dentro dessa metafísica da possibilidade universal qualquer elemento que aconteça pode ser interpretado de maneira correta ou errônea, você pode acertar e errar a interpretação, é claro, existem milhões de interpretações erradas mas existem algumas certas. Existem alguns simbolismos naturais que expressam realidade incontornáveis e existem outros que são produtos culturais falhados por assim dizer. Mas é justamente confrontando o conteúdo dessas teorias explicativas com a

situação de discurso no qual elas são produzidas que você acaba percebendo o absurdo delas. Quando o sujeito diz que o trovão é produzido por este e este fenômeno elétrico, ele é isto e não outra coisa, esse “e não”, aquilo que ele está negando não faz parte da teoria, está fora dela; a teoria não abrange isso, abrange apenas o fenômeno elétrico. Então como é que a partir desse estudo você pode saber que aquilo não significa tal ou qual coisa? O que tem a ver um estudo de causa eficiente com o estudo de significado? E o que acontece com esse significado? Acontece que se não tem mais jeito de você conferir os significados dos fenômenos naturais ou de quaisquer outros fenômenos com a metafísica da possibilidade universal o significado passa a ser um dado cultural, ou seja, uma coisa que os seres humanos inventaram. É claro que ele inventaram, mas inventaram a partir da interpretação de alguma coisa que lhes foi dada e que não foram eles quem inventaram. Um exemplo que já dei muitas vezes é a associação que se faz entre a luz como símbolo da inteligência divina ou da inteligência humana. Veja que enquanto não havia meios de você produzir uma iluminação artificial através do fogo ou de qualquer outra coisa, se existe uma luz externa você enxerga, se não existe você não enxerga, a não ser que haja uma luz intermediária como a lua; quando tem sol você enxerga, quando não tem sol e luz você não enxerga nada, e quando tem a lua você enxerga mais ou menos. O sujeito perceber isso é perceber a diferença entre enxergar e não enxergar e portanto a diferença entre perceber e não perceber. Ele não pode perceber a existência de luz e trevas sem perceber instantaneamente a diferença entre dois estados de percepção nele mesmo. Neste caso a conexão entre o fenômeno psíquico e o fenômeno externo é óbvia. Isso quer dizer que o indivíduo perceber que tem consciência de algo e que não tem é coexistente com ele perceber luz e trevas. Essa é uma experiência muito básica na humanidade, praticamente toda criança refaz essa experiência embora haja luz artificial, mas se a luz apagar você não enxerga mais. Como é que você vai perceber que apagou a luz sem você perceber que você não enxerga mais? Ou seja, este é um fenômeno que não pode ser percebido só externamente. Por exemplo, você percebe que um cachorro fez xixi, você pode perfeitamente perceber isso sem parar para perceber que você está percebendo isso, ou seja, o ato de percepção é uma coisa e o ato de reflexão é outra. Uma coisa é você perceber e outra é refletir sobre o ato de perceber, mas no caso de luz e trevas não é; os dois são o mesmo, o ato de percepção e reflexão são exatamente o mesmo. Eu perceber que apagar a luz é perceber que não enxergo mais. Esta experiência funda no ser humano a idéia de conhecimento objetivo. Todos os objetos percebidos são percebidos porque há uma luz em cima deles; a luz tem gradações e diferenças, o que quer dizer que as percepções são mais exatas ou menos exatas, mas a percepção de luz e trevas é perfeitamente exata e coincide com o ato de reflexão, então a percepção da identidade da percepção com o percebido só é possível porque existe essa experiência básica. Essa experiência não foi inventada pelo ser humano, ela está dada na estrutura da realidade, a estrutura da realidade lhe dá a condição básica da sua inteligência e da sua consciência. Longe de ser a minha consciência que criou tudo isso eu já nasci dentro de um cenário preparado para que eu tivesse consciência, se eu não estivesse preparado para isso eu não teria consciência. Não vamos entrar na questão de se o design inteligente foi intencional ou por acaso, pois não é disso que estou falando. Podemos discutir isso depois, aliás, essa mania de colocar se a coisa foi intencional ou por acaso ela em si mesma é absurda, não se pode colocar assim, isso é como a questão do acaso e da necessidade, desses buracos sem fundo, paradoxos que você nunca vai sair deles. O design inteligente, assim como a teoria da evolução, jamais será provado ou impugnado. E essa discussão já surge deste fenômeno que estamos falando de você pegar um aspecto e colocá-lo no centro em vez de você estar aberto para a ilimitação da experiência e obediente aos limites da possibilidade universal. Essa é a única atitude que funciona, o resto não funciona. Se você quer descrever o mundo da experiência e fechá-lo dentro de algum fenômeno que para você é predominante, você já entrou na bobagem.

A tentativa de recuperar o sentido da vida a partir da cosmovisão bíblica, da fé cristã especificamente, consegue escapar da armadilha de criar um quadro de referência e explicação fechado para o mundo ou ele consegue ser um quadro universal e verdadeiro

para a existência humana como algo que realmente reflete essas determinações metafísicas do pré-tempo?

A religião em si não dá isso, se desse, Descartes e Kant não teriam caído em tanta bobagem. Não se trata de religião; acontece que nesta época a própria religião, o culto religioso etc. já tinha sido desconectado do fundamento metafísico subjacente. Esses filósofos já não sabiam do que a Bíblia estava falando, já interpretavam a Bíblia como religião no sentido de doutrina. Aderir a uma doutrina e praticar a religião não vai ajudar em nada porque não se trata disso. Isso só funciona se você entender que doutrinas são apenas traduções secundárias de símbolos que também são secundários porque refletem uma realidade fundamental. Há dois saltos interpretativos: o da doutrina para o símbolo e o do símbolo para a realidade fundamental. Essa realidade tem de ser percebida na experiência, você tem de perceber esse encaixe do mundo da experiência na moldura da possibilidade universal como dado de realidade, e os obstáculos dessa percepção são evidentemente de ordem histórica, cultural etc. A própria religião também pode ser um obstáculo porque ela não se compõe só da revelação inicial mas também de um monte de discussões que houve depois e às vezes da formulação de uma doutrina e no processo da formulação pode haver erros formidáveis, existem discussões teológicas que complicam tudo. Então, não é um problema só da fé cristã, a própria noção de fé é altamente ambígua porque há aquela pergunta “por que você acredita na Bíblia?”, acredito porque é a palavra de Deus, e por que você acredita na palavra de Deus? Porque sim? Aí não tem sentido. Se eu tiver um indício que me sugira razoavelmente que aquilo é a palavra de Deus, eu passo a acreditar no resto. Mas você não pode começar com a fé, tem um indício em primeiro lugar. Quando perguntaram a Cristo se era Ele o Messias esperado ou se devia-se esperar um outro, o que Ele respondeu? Respondeu: “Olha, vocês vejam em torno: estão aí os paralíticos andando, os cegos enxergando”. Ele cita seus próprios milagres como indícios. Esse indício não depende de fé. Por que você sabe que o paralítico está andando? Porque você tem fé nisso ou porque você vê o sujeito andando? A fé pode ajudar o cego a enxergar mas como ele sabe que enxerga? Por que ele tem fé que enxerga ou porque ele está enxergando mesmo? Existe essa evidência inicial sem a qual a fé não faz o menor sentido. Agora, não faz o menor sentido um sujeito chegar com um livro e dizer a você que isso é a palavra de Deus e você tem de acreditar senão ele te dá um porrada na cabeça. Existe o fenômeno do milagre que é o fenômeno básico do cristianismo. O cristianismo gira em torno dos milagres. Você não pode exigir um milagre e ficar esperando, o próprio Cristo oferece o milagre como prova, e a percepção do milagre não é um ato de fé, é um ato de percepção como qualquer outro. Naquele famoso episódio de São Tomé que disse que só acredita vendo, o que Cristo está dizendo com isso? Se você acreditar sem ver facilitaria as coisas para você, mas se você quer ver também tem. O que Ele está afirmando? Está afirmando o direito a dúvida. Se você acreditar sem ver vai dar na mesma porque no fim se provará que é verdade do mesmo modo. Agora, se você quer ver você não vai ver tudo, vai ver só um pouquinho e você pode colocar esse pouquinho em dúvida de novo e de novo porque a dúvida por sua própria natureza é auto-multiplicativa, mas algum indício inicial você tem de ter. Esse indício te sugere a confiabilidade da fonte. Quando os caras pedem a cura a Jesus Cristo e Ele diz “a sua fé de salvou”, eles têm fé no quê? Eles têm fé de que Cristo tem a capacidade de curá-los. Você é o Filho de Deus e portanto você pode me curar. Não é a fé numa doutrina, é a fé num indivíduo, é a confiança que você tem naquele indivíduo, o Nosso Senhor Jesus Cristo. Se conseguir restaurar a fé neste sentido você verá a realidade, agora, se tiver fé numa doutrina, não funciona. Aliás, a existência de um fenômeno chamado religião ou religiões é um elemento que confunde muito a cabeça do sujeito porque primeiro ele já vê as várias religiões como sendo várias doutrinas coexistentes e diferentes entre si quando na verdade as religiões não são doutrinas, as doutrinas são a explicação da religião e não a religião; as religiões não se constituem de doutrinas e sim de fatos que aconteceram, como a vida de Buda, a vida de Cristo, os capítulos iniciais do Islã, é lá que que você tem de vir para ter a religião, senão você tem apenas o comentário da religião. Agora, os estudiosos modernos, cientistas sociais, historiadores, etc. que são um bando de ignorantes vêem um monte de religiões

e acreditam que as religiões são doutrinas quando na verdade não são. Você está pegando o efeito remoto e tomando como se fosse a coisa em si, agora, a condição de você revivenciar aquela experiência originária só existe dentro do quadro definido pela própria religião. Se você não se submete à experiência você não vai ter a experiência; se você se recusa a ter a experiência e ao mesmo tempo acredita que está fazendo uma ciência de experiência, você está absolutamente louco. É claro que as doutrinas religiosas por sua vez podem ser verdadeiras ou falsas, mas do ponto de vista do antropólogo, do cientista social moderno elas são todas iguais e equivalentes porque não há possibilidade de teste., e se não há possibilidade de teste não há conhecimento experimental. O que é o teste? O teste é o milagre; se tem tem, se não tem não tem.

Quando os antigos diziam que por exemplo o raio é uma manifestação da vontade divina eles não entendiam isso como explicação das causas eficientes do fenômeno? Como então eles explicavam a produção material do fenômeno?

Você dizer que o raio é provocado por um fenômeno eletromagnético não impede que seja uma manifestação da vontade de Deus. São dois planos de explicação que por assim dizer não se tucam porque pouco importa que Deus o fez através da eletrecidade ou de qualquer outra via. Colocar a vontade de Deus como onipotente é dizer qual é a causa universal de todos os fenômenos, e o conhecimento de nenhuma causa eficiente pode provar ou desprovar isso. A única coisa que tem prova da vontade de Deus é o milagre, e o milagre é milagre quando ele é pedido e acontece. Você pede por exemplo uma cura miraculosa ou alguma coisa que dentro do quadro das probabilidades não dá para acontecer e você obtém a resposta, isto é, existe ligação direta por assim dizer – você tem um pedido e uma resposta, uma pergunta e uma resposta, aí sim. Fora disto não existe nenhuma prova, todas as provas da existência de Deus podem ser alegadas em favor da Sua inexistência e vice-versa. Essa discussão em si não faz o menor sentido. Além disso, a qual Deus você se refere? Como existem várias noções a respeito de Deus, não é possível que você ofereça uma resposta que seja válida para todas elas ao mesmo tempo. A questão do conhecimento ou ignorância a respeito de Deus é a questão básica. O sujeito que está falando sabe algo de Deus ou não sabe? Se não existisse Deus isso seria irrelevante se não apenas criações culturais, então se torna irrelevante. Mas restaria sempre a pergunta “por que fizeram essas criações culturais?”, então você tem de achar finalidade secundárias para a religião, a manutenção da ordem social, etc. Então a religião deixa de ser aquilo que ela realmente é, que é a expressão da convivência e da experiência que o ser humano tem dos limites da possibilidade universal, e passa a ser uma função secundária, só que daí não dá para explicar mais nada. Também, é preciso ver se o sujeito que faz a pergunta está consciência desse negócio da possibilidade universal ou se ele já está dentro desse universo fictício da modernidade. Para mim toda a cultura moderna é uma cultura de um universo fictício que coincide com a realidade da experiência em pontos determinados, mas que não coincide com a estrutura da realidade; coincide com fatos reais mas nunca com a estrutura.

Na mitologia grega a criação do mundo teria começado com os titãs Urano e Géa, o céu e a terra, dos quais haviam gerado Cronos, o tempo, pai de todos os deuses. Isso combina bastante com a narrativa do Gênesis, com Deus criando o céu e a terra no chamado pré-tempo.

Não tenha a menor dúvida. Essas reaparecerão de alguma maneira em todas as mitologias do mundo. No instante em que a mitologia grega coloca o céu e a terra como geradores do tempo você já tem aí a própria definição do tempo como medida das transformações. Enquanto não há céu, nem terra, nem coisas, nem fenômenos, então não há tempo. Os gregos já sabiam que o tempo absoluto de Newton não pode existir; um tempo que é independente da existência de

coisas não pode existir. O que é independente da existência de coisas é a eternidade, é o supra-tempo, e não o tempo.

Muito bem, acho que com isso nós podemos dar por encerrada a explicação, por hoje é só. Muito obrigado e até a próxima.